

'A conversão vai depender de mudanças'

Com uma posição menos burocrática e mais favorável ao capital estrangeiro, o Brasil poderia conseguir que pelo menos US\$ 5 bilhões da dívida externa fossem convertidos este ano em investimentos, sem nenhum risco de desnacionalização. A estimativa foi feita pelo diretor de um grande banco estrangeiro, com base no que está ocorrendo em outros países endividados.

O que afugenta o capital estrangeiro não é só a legislação fiscal que até agora estimulou os empréstimos e penalizou o capital de risco. Segundo os banqueiros, existem credores interessados em converter parte dos empréstimos em investimentos mas não se arriscam devido à falta de definição de regras mais genéricas por parte do governo.

O Chile, com uma economia muito menor do que a do Brasil, conseguiu que em 86 fossem convertidos em investimentos US\$ 1,2 bilhão, que correspondem a 5,0% da dívida total de 20 bilhões. Se o Brasil desse o mesmo tratamento ao capital estrangeiro, segundo o banqueiro, poderia atingir esse percentual de conversão e obter US\$ 5 a 6 bilhões de investimentos.

No Chile, a estratégia adotada para estimular a conversão é bastante simples: o governo faz uma espécie de leilão fixando o valor máximo de conversões que pode ser feito por mês. Como limita a oferta, provoca uma reação natural na procura de oportunidades de investimentos e com isso provoca uma redução no deságio na conversão da dívida.

No Brasil, além de não haver estímulo, foram criadas barreiras que, praticamente inviabilizam a conversão de dívida em investimento.

Pequenos bancos, que no passado decidiram emprestar ao Brasil, estão hoje dispostos a vender esses créditos com um desconto de até 35% mas não encontram compradores. Mas não podem fazer isso porque o Brasil só permite que a conversão seja feita pelo detentor original do empréstimo. Se essa limitação acabasse, uma instituição de grande porte, mais envolvida com a economia brasileira, poderia adquirir esses créditos e transformá-los em investimentos.